

nas garras do gato

uma
mosca pousa
no almo; o
e o gato a traça
baratontas
pelos quatro cantos da casa
a o gato atrás.
aranharames
descem do teto
e o gato zás!
lesmolentas
na tábua corrida
e o gato é um ás.
a abelha vai embora.
a formiga migra.
a pulga pula fora.
nas garraS do gato
bruxas murchas,
pernilongos
e bezoutros insetos
incertos.

Guilherme Mansur

MOYA, Álvaro de. *História da história em quadrinhos. 2.* ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

As histórias em quadrinhos (HQ) estão passando por um período de catástrofes quando imortais e mortais que pareciam sobreviver à virada do século, como Superman e Batman, são destruídos implacavelmente por vilões a serviço de um público que até então parecia fiel. Simultaneamente, surgem novos heróis, mais humanos, capazes de sofrer e se apaixonar, de terem uma vida sobre-humana junto a atividades prosaicas do dia-a-dia, envolvidos com

problemas essencialmente urbanos. Nestes dias pós-modernos, o terror não vem do espaço; ele mora ao lado. A segunda edição de *História da história em quadrinhos* indica o interesse renovado na produção e recepção das HQ, que, se morrem um pouco cada vez que alguns de seus heróis desaparecem, recobram o fôlego com a constante criação de novas personagens.

Publicada pela primeira vez em 1987, pela LP&M, a *História* volta em edição ampliada. Os acréscimos, salvo engano justificado pela ausência de exemplar da primeira edição, parecem ocorrer principalmente ao fim da obra. Isso explica-se pela organização cronológica escolhida por Moya, em detrimento de um agrupamento do material por autor, tema ou nacionalidade, como em outros livros do assunto. O resultado, como seria de se esperar, é um passeio que começa com Rudolph Töpfer, que Moya considera um precursor já em 1827, e vai até os anos 90, com uma avalanche de novas HQ e quando a crise nacional força e exportação de criações brasileiras para a Europa e os Estados Unidos.

Moya vai além da mera listagem cronológica das HQ e fornece o contexto histórico da produção e recepção das obras. Ficamos sabendo que Goethe dizia que Töpfer, um dos precursores das HQ, "humilha o inventor mais fértil em combinações e podemos felicitar seu talento nato,

alegre e sempre disposto". Os conservadores censuraram a primeira personagem de HQ propriamente dita, "the yellow kid", devido a sua origem social de menino pobre dos guetos nova-iorquinos. O *Tico-Tico*, marco inicial das publicações dedicadas às crianças no Brasil, era lido e citado por Ruy Barbosa no Senado, e mereceu crônica de Carlos Drummond de Andrade. Mafalda, a personagem argentina de Quino, foi acusada de defensora da ideologia pequeno-burguesa e, logo, do imperialismo ianque, por jamais haver mencionado Perón ou o peronismo.

Intercalando ensaios com páginas de quadrinhos, Moya fornece a seu leitor amostras de obras de difícil acesso. Ao mesmo tempo, essa estratégia dá um aspecto dinâmico ao livro, que se coaduna com o seu próprio objeto de estudo. Quadrinhos e cinema trocam influências quanto a aspectos técnicos, argumentos e personagens. De quebra, ainda sobra alguma coisa para a televisão. De novelas a programas infantis, passando por toda uma programação para o público adolescente, a televisão exibe uma estética que deve muito às HQ. Basta assistir, por exemplo, alguns minutos da programação diária mais ágil e comparar com as ilustrações do livro de Moya.

História das histórias em quadrinhos vem complementada com uma bibliografia sobre o assunto, com publicações em português, que, ainda que seja

uma boa listagem, peca por omissões inexplicáveis. Não constam, por exemplo, *Auika!*, de Dagomir Maruquezi (São Paulo: Proposta Editorial, 1980), nem *Cultura de massa*, organizado por Bernard Rosenberg e David Manning White em 1957, e publicada pela Cultrix em 1973. Mais difícil de entender ainda é a omissão de *O que é história em quadrinhos*, de Sônia M. Bibe-Luyten, anunciada nas primeiras páginas do livro como leitura. Moya merecia um assessoramento mais cuidadoso, para que pequenos problemas como esses não interferissem na excelência do seu trabalho.

A alta qualidade dos textos e das reproduções em branco e preto e em cores fazem da *História* uma obra de referência essencial para o iniciante em busca de um guia confiável e para o pesquisador à procura de fontes fidedignas e de ilustrações raras.

Julio Jeha

VIEIRA, Nelson H. *Brasil e Portugal: a imagem recíproca (o mito e a realidade na expressão literária)*. Lisboa. Ministério da Educação. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. Coleção Diálogo: Fronteiras abertas. 1991. 256 p.

Uma das coisas que mais me agradaram durante a leitura deste livro foi voltar a